
CISION®
PRESS BOOK

Revista de Imprensa

1. ANDEBOL, Bola (A), 19/03/2026	1
2. Entrevista a LOURENÇO MARTINS - «No Sporting, o ego é coletivo», Bola (A), 19/03/2026	2
3. ANDEBOL - WILSON DAVYES MUDOU-SE PARA O CB HUESCA, Jogo (O), 19/03/2026	4
4. ANDRÉ JOSÉ VAI REFORÇAR OS FRANCESES DO CHARTRES, Jogo (O), 19/03/2026	5
5. "Em Portugal temos de começar a "coopetir" mais e não a competir entre modalidades", Jogo Online (O), 19/03/2026	6
6. ANDEBOL - Pedro Portela no Sélestat e Davyes no Huesca, Record, 19/03/2026	8
7. MARÍTIMO - Guedes e Guzzo foram à escola, Record, 19/03/2026	9
8. "Em Portugal temos de começar a "coopetir" mais e não a competir entre modalidades", Sapo Online - Sportinforma Online, 19/03/2026	10

CISION

A BOLA

Meio: Imprensa
País: Portugal
Área: 98,35cm²
Âmbito: Desporto e Veículos
Period.: Diária
Pág: 29

ID: 122111326 19-03-2026



ANDEBOL

PLACARD 1

22.ª Jornada

Marítimo-Belenenses	**28-24**
Águas Santas-Sporting	**30-36**
Avanca-Póvoa AC	**24-28**
Arsenal da Devesa-ABC	**28-42**
Benfica-FC Porto	**29-29**
V. Guimarães-FC Gaia	**28-29**

		J	V	E	D	G	P
1	Sporting	22	22	0	0	888-584	66
2	FC Porto	22	17	3	2	791-568	59
3	Benfica	22	16	3	3	755-630	57
4	Águas Santas	22	14	0	8	595-577	50
5	Marítimo	22	12	2	8	632-595	48
6	ABC	22	11	2	9	654-661	46
7	Póvoa AC	22	10	2	10	590-640	44
8	Belenenses	22	7	2	13	627-663	38
9	V. Guimarães	22	6	0	16	580-663	34
10	Avanca	22	5	1	16	634-748	33
11	FC Gaia	22	3	3	16	587-708	31
12	Arsen. Devesa	22	0	0	22	496-777	22

Após a jornada 22, o campeonato segue para a 2.ª fase: os quatro primeiros classificados jogam pelo título de campeão; do 5.º ao 8.º é o Grupo de Consolação; e os restantes pela manutenção

1.ª DIVISÃO (F)

18.ª Jornada

CALE-Gil Eanes	**19-32**
Colégio Gaia-São Pedro do Sul	**23-33**
Almeida Garrett-Benfica	**18-32**
ABC-Madeira SAD	**19-22**
Juve Lis-CS Madeira	**21-22**

		J	V	E	D	G	P
1	Benfica	18	17	0	1	587-357	52
2	Madeira SAD	18	13	1	4	491-384	45
3	S. Pedro Sul	18	13	0	5	487-425	44
4	A. Garrett	18	12	1	5	481-429	43
5	ABC	18	11	0	7	474-474	40
6	Gil Eanes	18	10	1	7	444-429	39
7	CALE	18	5	1	12	421-509	29
8	Colégio Gaia	18	3	1	14	388-496	25
9	Juve Lis	18	2	0	16	373-465	22
10	CS Madeira	18	1	1	16	356-534	21

CISION

A BOLA

Meio: Imprensa
País: Portugal
Área: 1347,4cm²
Âmbito: Desporto e Veículos
Period.: Diária
Pág: 26-27

ID: 122111302 19-03-2026



LOURENÇO MARTINS

«No Sporting, o ego é coletivo»

Zona 4 de 28 anos regressou este ano a Alvalade e não esconde a alegria com a conquista da Taça, a primeira do seu currículo. De olho no título de campeão

Edite Dias

Custou muito ganhar a primeira Taça de Portugal?

— É a primeira, sim. Foi muito emocionante, é a palavra que melhor descreve. Se calhar, muita gente — inclusive alguns de nós em algumas partes do jogo, não só na negra — não acreditou. Conseguirmos regressar ao jogo, a perder 8-3, numa negra, com a moral do adversário em alta e a nossa, se calhar, não tão acima... Foi a recompensa pelo trabalho desta época. Inúmeros desafios, inúmeras viagens, tempo na estrada todos juntos, muito tempo sem ver a família também. Foi a cereja no topo do bolo.

— O que pensa quando olha para o marcador e vê esse 8-3?

— Muita coisa. Pensa-se: 'Ainda dá'. Sempre com aquela vozinha interior: 'Ainda vai dar, ainda vai dar'. Mas, à medida que o jogo se aproxima do fim, ainda por cima numa negra, onde tudo é mais curto, é uma montanha-russa. De crença, de raça, de superação... De nos transcendermos, muitas vezes... Foi dos momentos mais inacreditáveis e inesquecíveis que vivi.

— Tem mais sabor conquistar assim [3-2] a Taça ou preferia se fosse 3-0?

— Preferia 3-0! Não só porque também deixaria uma marca de superioridade em relação ao adversário, que é um grande adversário, mas ainda não perdemos com eles. Se tivesse sido 3-0 tinha sido mais tranquilo, mas se calhar não tinha sido tão prazeroso *[risos]*.

— Esta saga pode continuar no 'play-off', o Benfica apresenta-se como principal rival?

— Não nos escondemos. Sabemos perfeitamente que somos favoritos. Inclusive, acredito que somos favoritos a ganhar o campeonato. Claro que há um *play-off* para jogar e este formato privilegia os *outsiders*. Não podemos relaxar e queremos estar na final. Se tiver de ser contra o Benfica, será. Mas estamos mais concentrados em nós, no que podemos fazer e como melhorar para conseguirmos o objetivo mais importante, que é sermos campeões outra vez.

— Este regresso foi à procura de títulos em Portugal? Já tinha sido campeão pelo Sporting.

— Não foi só por isso. Muita gente pensa que o campeonato não é tão competitivo como em França, na Turquia ou noutros sítios, para os quais tive oportunidade de ir. Mas jogar aqui, no Sporting, em particular, é algo que não existe em mais nenhum lado: a seriedade, o compromisso, as condições. Termos sempre um fisioterapeuta, um médico, tudo o que é preciso. Coisas que, se calhar, em campeonatos mais competitivos não existem. E claro que pesou o facto de já ter estado no Sporting. Tive duas passagens: a primeira muito feliz, joguei com lendas portuguesas como o Miguel Maia e o João Fidalgo, que me ensinaram muita coisa, inclusive como é estar num clube assim. A segunda foi um bocado mais azarada porque foi interrompida pela COVID. Mas, quando tive oportunidade e convite para regressar, sabendo que íamos jogar a Champions, achei que era a maneira de voltar pela porta grande. Nem perdi muito tempo a pensar!



MARIANA TENDRIO

Lourenço Martins está no Sporting pela terceira vez, foi campeão na primeira e agora quer juntar novo título à Taça de Portugal

— E como foi esta experiência na Champions? Disse, no final da Taça, que estava 'mal resolvido'.

— Sim, a Champions é um contexto muito diferente, inclusive das outras modalidades. Há uma discrepância enorme no valor das equipas. Jogámos com equipas que disputam o melhor campeonato do mundo e jogam com os melhores todos os fins de semana. Estão habituados a uma exigência diária como nós, mas o nível competitivo é diferente. Jogámos com a equipa do Miguel Tavares, que o ano passado foi finalista da Champions, e batemo-nos com eles. Fizemos uma competição em crescendo. Começámos, se calhar, ansiosos, não habituados àquela exigência — sem reduzir as equipas do nosso campeonato, que têm feito um trabalho espetacular. Mas não se pode comparar o nível de exigência de um jogo com o Benfica com uma equipa que não tenha ficado no *play-off*. No final, faltaram-nos 10 pontos! Dez erros de serviço a menos ou 10 faltas na rede a menos e tínhamos passado. Mas, o balanço foi muito positivo.

— Foi como um ensaio geral para o ano, se for campeão?

— Espero que sim. É algo que nos move, porque sabemos a importância que isso tem para o Sporting. Todas as modalidades aqui disputam títulos europeus. Ainda estamos um longe desse cenário, mas gostávamos de passar o grupo da Champions. Este ano não faltou assim tanto; foi pena, mas estamos lançados e com muita motivação para jogar outra vez a competição.

— Essa imagem do Sporting nas competições europeias é muito diferente da que encontrou quando chegou cá a primeira vez?

— Sim, todas as modalidades têm vindo a aumentar a exigência. Há algo no Sporting que acho que é exclusivo em Portugal: o contacto que temos diariamente com as outras modalidades, com o hóquei, com o andebol. Vemos o andebol a ganhar às melhores equipas da Europa e isso também funciona um bocado como aquele bichinho: 'se eles conseguem, nós também temos de conseguir'. Esta competição diária funciona como catapulta para tentar atingir coisas que antes pensávamos ser impossíveis.

— Começou a jogar muito novo?

— Com 8 anos jogava futebol no Leixões. Já era um bocado alto, era ponta de lança, mas não tinha assim muito jeito; os meus pés não foram feitos para estar entre as chuteiras *[risos]*. Fiz um bocado de tudo: natação, andebol, basquetebol... O meu pai sempre foi ligado ao desporto e estimulava muito, do ciclismo ao bilhar! E a competição! Sou muito competitivo, não gosto de perder em nada. Aos 11 anos foi preciso decidir se ia jogar futebol de 11 ou desistir. Fui experimentar um treino de voleibol e adorei desde o primeiro momento. Depois, foi tudo muito

CISION

A BOLA

Meio: Imprensa **Âmbito:** Desporto e Veículos
País: Portugal **Period.:** Diária
Área: 1347,4cm² **Pág:** 26-27

ID: 122111302 19-03-2026

rápido. Não havia equipas para a minha idade e fui inserido numa equipa de mais velhos e isso foi importante. Hoje em dia, és novo, fazes um jogo brilhante e já te fazem acreditar que és mais do que se calhar és naquele momento. Quando estás em contacto com pessoas mais velhas, consegues manter os pés bem assentes na terra.

— E depois o Castêlo da Maia…

— Tinha 17 anos e estreei-me pelos seniores, ainda como oposto, que é uma posição completamente oposta à que jogo hoje. Foi uma época espetacular, o Leixões tinha acabado de subir à primeira divisão, era o clube da minha cidade e eu estava nas nuvens. Surgiram muitos convites para jogar em Portugal e fora também, mas eu ainda era muito novo e tinha algum receio. Estava no 12.º ano. Surgiu a oportunidade de vir para Lisboa, o Sporting ainda não existia e acabei por não seguir esse caminho. Fui para o Castêlo da Maia, contratado como oposto. Estava indeciso entre duas equipas e recebi um telefonema do Flávio Cruz, que era uma referência. Ele disse: 'Só para saberes que tenho as mesmas ofertas que tu e quero ir contigo para aqui'. Nem pensei duas vezes! Fomos para o Castêlo e tivemos duas épocas muito felizes. Ele dava-me boleia todos os dias, foi alguém muito importante para mim.

— Já imaginava ser profissional de voleibol?

— Entrei na Faculdade de Desporto e conciliei durante os dois anos que estive no Castêlo. Não foi fácil: atletismo, ginástica, voleibol, futebol, mais treino às 8 da noite no Castêlo. Eu era muito feliz a jogar voleibol e sabia que eventualmente ia ter de decidir: 'Vou ser profissional ou não vai dar'. E a Seleção foi determinante.

— Quando se estreou na Seleção?

— Logo nesse primeiro ano. Há uma história caricata com o professor Hugo Silva. Ele convocou-me com 17 anos, eu estava nos exames nacionais e não viajei com a equipa nem fui aos treinos por causa da escola. Eles perderam esse jogo nos Países Baixos e o Hugo reuniu a equipa toda — eu, um miúdo, a ver o Hugo Gaspar, André Lopes, Marco Ferreira, Alex Ferreira… Ele vira-se para mim e diz: 'Oh miúdo, porque é que não vieste aos treinos?'. Eu disse que tinha escola e ele: 'Podes ir embora'. Nesse momento caiu-me tudo e pensei: 'Não, agora vou mesmo ter de jogar e mostrar que quero isto a sério'. A partir desse ano passei a ir aos treinos sempre! O prof. Hugo foi um grande impulsionador da minha carreira internacional e acho que também respondi às expectativas dele. Foi muito importante na decisão de ser profissional seguir o caminho da Seleção, jogar com grandes equipas e mostrar-me.

— Depois seguiu-se o Sporting.



O internacional começou a jogar como oposto, mas agora é zona 4 e encontrou o seu espaço

— Depois de dois anos no Castêlo surgiu a oportunidade. Na altura, para a equipa entrar direta na primeira divisão era preciso que os jogadores tivessem pontos. Faltavam 20 pontos para o Sporting poder, eu jogava na Seleção e tinha 20 pontos. Muita gente disse: 'Ele só vai para o Sporting porque vale 20 pontos'. Eu até gosto desse cenário, dá-me motivação. Agarrei a oportunidade, tive um ano espetacular com o Miguel Maia, o João Fidalgo, o João Simões… Joguei com o *[Angel]* Dennis, que via na televisão e pensava que nunca na vida ia jogar com ele. Ganhámos um título com o pavilhão sempre cheio, foi inesquecível!

— E porque decide ir para fora?

— Depois desse ano do Sporting, saí para o SC Espinho e jogar no SC Espinho não é fácil, é um clube que tem muita história, tens de mostrar resultados todos os fins de semana e isso fez-me crescer, e acho que me preparou para os desafios internacionais. Depois apareceu a oportunidade de ir para França, um campeonato que adorava jogar. Fui para o Tourcoing, uma equipa que até já tinha tido alguns portugueses e foi espetacular. Sentia-me super motivado, a jogar com atletas que jogavam nos grandes palcos há muitos anos. Não podia, como diz aquela expressão *morrer burro*.

— E depois o Saint-Nazaire…

— Depois de ir para o Tourcoing, que era uma equipa da primeira divisão consolidada, na primeira divisão, era como dar dois passos atrás, na segunda divisão. Mas sentia que era interessante

— Não pensou 'eles acham que eu realmente só valho 20 pontos'?

— Sim *[sorri]*. O jogador tem o seu ego, e claro que não é fácil. Está numa equipa em França, joga na Seleção, e agora vou para a segunda divisão?! Mas não tive dúvidas, estava lá um jogador que conhecia do Castêlo e sabia que era para sermos campeões. E tive quatro anos maravilhosos lá, a cidade acolheu-me como se fosse filho do clube. Ainda hoje tenho pessoas que me ligam e acompanham os nossos jogos da Champions. Ganhámos o

O Sporting é uma equipa que não se põe em bicos de pés, respeita toda a gente

título na Segunda Divisão e, no segundo ano, ficámos nos seis primeiros e jogámos as competições europeias. No terceiro ano, completamente *outsiders*, ficámos em sétimo e estivemos quase para não ir aos *play-off*, eliminámos o Nantes (2.º) com uma equipa espetacular. E fomos passando. E começou a sentir-se aquela crença coletiva tipo: 'Isto é possível, somos sétimos, mas vamos estragar a festa. Vamos ganhar aqui'. E ganhar como ganhámos no *golden set*, no último jogo da final, depois de perder em casa… Ah, foi histórico!

— Essa experiência tornou mais forte o jogador que regressou?

— Sim. Muita da motivação de sair de Portugal era poder mostrar que não é preciso só os estrangeiros jogarem nos momentos decisivos, que também podemos. A nova geração já está mais astuta e preparada para isso, já saem mais cedo e querem estar em competições mais exigentes para mostrarem que Portugal tem valia no voleibol. Na Seleção temos conquistado coisas que, se calhar, há uns anos, ninguém pensava que fossem possíveis.

— Foi um ano de ouro para o regresso, com Mundial.

— Foi um misto de emoções gigantes! Porque em França tivemos uma época complicada, depois de termos sido campeões, jogámos a Champions, não correu bem, ficámos fora dos *play-off* e chego a Portugal relativamente cedo. A Seleção só começou em maio e para jogar a Golden League, mas lesionei-me, uma rutura no quadrícipe. Só pensava: 'Não posso perder um Mundial por nada, é impossível. Nem que tenha que jogar com a perna rota, vou ter de jogar este Mundial'. Estive o mês de junho a tratar-me e a recuperar. Perdi a Golden League para estar a 100% no Mundial.

— E foi emocionante

— Pois foi! Ganhámos aquele jogo a Cuba, inacreditável, uma das melhores seleções do mundo, e que, ditou o destino, que dependêssemos de uma vitória dos Estados Unidos, o que aconteceu. Foi mágico, foi espetacular. É um ano muito feliz. Está a ser um ano muito feliz ainda não acabou, e ainda falta o mais importante. Mas sim, tem sido um ano espetacular e estou muito feliz aqui.

— O que é preciso ao Sporting para revalidar o título de campeão?

— É preciso não nos pormos em bicos de pés. É preciso respeitar muito todas as equipas que ainda vamos defrontar nos *play-off*. É um formato que privilegia os *outsiders*, estamos cientes disso, e sabemos que somos favoritos. Já estive do outro lado e sei como é bom estar numa equipa que não há pressão para ganhar, que se quer mostrar, e que vem jogar ao João Rocha com tudo o que tem. Mas nós também queremos, temos de querer muito mais do que eles. Porque temos essa pressão de sermos favoritos, que é uma pressão boa. É para isso que qualquer atleta trabalha, para poder ganhar títulos. Temos de nos manter fiéis a nós mesmos, não dar uma bola por perdida, acreditar muitas vezes quando mesmo quando não está favorável. Confiar muito no colega de equipa. Isso é uma força muito grande na nossa equipa. Saber que, num dia menos bom para um, o outro vai aparecer e vai assumir. O Sporting é uma equipa que não se põe em bicos de pés, respeita toda a gente. E isso ajuda-nos muito, faz a diferença. Somos muito unidos, o grupo dá-se muito bem.

— E há diversidade cultural

— Sim. Há muitas culturas misturadas, muito espanhol, muito inglês, muito russo e aquele sotaque meio estranho *[risos]*. Mas somos todos muito competitivos e ninguém gosta de perder, mesmo nos jogos de aquecimento, nas cargas que fazemos na musculação! Mesmo que seja quase impossível competir com o Edson *[Valencia]*, ninguém gosta de perder *[risos]*. Não há muito espaço para egos. Claro que todos os jogadores têm egos, mas acho que ganhamos muito porque há um ego colectivo! Pensamos: 'Ok, não vamos deixar que isto aconteça. Não vou deixar que o meu colega fique retratado assim neste jogo. Vamos ganhar.'

— E fora daqui, o que é o Lourenço gosta de fazer?

— Gosto muito de praia e de mar. Gosto muito de estar com a minha família, com a minha namorada…

— A água aqui é um bocadinho melhor que em Matosinhos, não?

— Quem nasceu em Matosinhos está preparado para qualquer água! Gosto de animais, em Lisboa tenho um gato, porque o meu cão é muito grande. Gosto de passear, jantar fora, estar com amigos. Gosto de estar com a minha equipa, o que às vezes não é fácil *[risos]* porque estamos muito tempo juntos. Mas tenho amigos na minha equipa.

— É um casamento feliz?

— É, muito. Já conhecia muitos jogadores, partilhei o balneário com eles na Seleção: o Kelton, o Gonçalo, o Tiago. O Edson também, joguei contra ele em França. Adaptámo-nos todos muito rápido uns aos outros, todas as peças… Umas mais estridentes, que falam mais, que riem mais, falam mais alto… outras mais discretas, mas que toda a gente tem o seu papel e desempenha uma função fundamental.

— É como se fosse um puzzle em que encaixam as peças todas?

— Sim, sim. E não é fácil no quotidiano de uma equipa, porque somos 15 e só jogam seis. Haver sempre este bem-estar coletivo, nunca experienciei isto. Sentir a equipa tão feliz, sentirmo-nos todos tão unidos. Acho que é inédito na minha carreira. A Seleção é diferente, porque não há clubismos, toda a gente está ali para o mesmo. Aqui, conseguir estar numa equipa tão competitiva, onde os 14 ou 15 jogadores podem jogar e haver sempre este bem-estar, acho espetacular.



MARIANA TENDEIRO

Lourenço Martins conquistou a Taça de Portugal pela primeira vez, em Albufeira, frente ao Benfica



ANDEBOL WILSON DAVYES MUDOU-SE PARA O CB HUESCA

Foi o próprio clube espanhol que anunciou a contratação de Wilson Davyes até ao final da presente temporada. O CB Huesca, 14.º posicionado da Liga ASOBAL, a principal competição de andebol de Espanha, pretende escapar-se aos lugares de despromoção e reforçou-se com o antigo internacional português, de 37 anos, que iniciou a época no AEK de Atenas, entretanto acometido de gravíssima crise financeira. —R.G.

CISION

O JOGO

Meio: Imprensa
País: Portugal
Área: 60,9cm²
Âmbito: Desporto e Veículos
Period.: Diária
Pág: 27

ID: 122111217 19-03-2026



PORFÍRIO FERREIRA

ANDRÉ JOSÉ VAI REFORÇAR OS FRANCESES DO CHARTRES

O algarvio André José vai deixar o ABC no final da temporada e reforçar a francês Chartres, 13.º classificado da StarLigue, o principal campeonato gaulês. André José, central que começou a praticar andebol no clube da terra, o Vela de Tavira, com sete anos, mudou-se para o ABC em 2018/19, para, em 2021/22, saltar para o Sporting, tendo regressado a Braga a meio de 2023/24. Agora, com 24 anos, vai para o Chartes. —R.G.

"Em Portugal temos de começar a "coopetir" mais e não a competir entre modalidades"

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 19/03/2026

Meio: Jogo Online (O)

URL: https://pt.cision.com/s/?l=e8c0c8b4

Paulo Jorge Pereira

Selecionador de andebol defende mais "coopetição" entre modalidades desportivas

O selecionador de andebol português, Paulo Pereira, defendeu esta quarta-feira que as modalidades desportivas deveriam "coopetir" mais e competir menos, numa noite em que disse que a liderança dá muito trabalho, mas também precisa de intuição.

"Nós em Portugal temos de começar a "coopetir" mais e não a competir entre modalidades. Eu coopero contigo. Compito contigo, mas também coopero. As modalidades não têm de se andar a tentar matar umas às outras", defendeu Paulo Pereira.

O selecionador falava hoje em Tondela, no distrito de Viseu, e cidade onde a seleção está em estágio até sábado, depois de, na sexta-feira à noite, enfrentar a seleção da República Checa.

Paulo Pereira deu como exemplo a eventualidade de haver um miúdo alto, que gosta de futebol, mas nem sabe correr, de o treinador levá-lo a um treinador de basquetebol e ver se é um atleta em ascensão. "Ou vice-versa, em qualquer outra modalidade", disse.

"Quando é que começamos a fazer isto? Nunca. Porquê? Porque nos queremos matar uns aos outros. Uma modalidade quer aniquilar outra e não cooperar", considerou.

O mesmo acontece no desporto escolar, indicou. "As modalidades nas escolas são organizadas em função das competências dos professores que lá estão. Se são bons em voleibol, arranja-se um clube de voleibol", apontou.

Tudo isto, no seu entender, "porque tudo dá muito trabalho e é muito fácil ser-se comodista e até morar ao pé da escola, de preferência", mas "com trabalho e vontade, tudo pode mudar".

Da mesma forma que "há uns anos a atitude era outra" perante os jogadores, hoje, Paulo Pereira, olha para si "mais como um líder, com outra atitude, de que como alguém que chega e manda".

Perante uma plateia com mais de 50 pessoas, o selecionador apontou a "humildade, gratidão, perdão, respeito, maturidade, empatia, compreensão, confiança, trabalho e sentido de humor, sempre" como o plano de jogo da sua equipa.

Para Paulo Pereira, trabalhar uma equipa masculina "é também gerir egos" e é "preciso preparar muito bem o plano de trabalho com os jogadores, para potenciar, individualmente, cada um dos atletas e gerir os seus propósitos individuais, para que haja um sucesso coletivo".

"Às vezes, tenho de virar a mesa e perguntar o que é que estamos ali a fazer. Se não queremos ganhar. Outras, é preciso focar mais na solução, enquadrando o problema, mas com foco na solução. Trabalhamos muito para ter bons resultados e temos de pensar muito", assumiu.

No seu entender, "é preciso trabalhar muito e saber a tática" para alcançar os resultados desejados, "mas, às vezes, o mais importante é seguir a intuição, para falar com os jogadores da melhor forma e que se torne mais eficaz".

Da lista de atitudes a ter, de parte a parte, quer atletas, quer treinador ou selecionador, fazem parte também o "entusiasmo, amor, paixão, sentido crítico, autonomia, prazer e compromisso e não haver ninguém invisível" nos treinos e estágios.

"E nós treinadores, temos ainda que ter a capacidade de nos adaptarmos. O melhor treinador não é o mais forte, é o que melhor se consegue adaptar às diversas situações, porque isso traz resultados mais constantes", defendeu.

No final, Paulo Pereira dedicou mais de uma hora a responder às questões levantadas sobre os desafios de ser selecionador, treinador de um clube, e do andebol feminino, que, "infelizmente, praticamente não tem mulheres profissionais" em Portugal.

CISION

Record

ID: 122110874 19-03-2026

Meio: Imprensa
País: Portugal
Área: 139,65cm²
Âmbito: Desporto e Veículos
Period.: Diária
Pág: 27

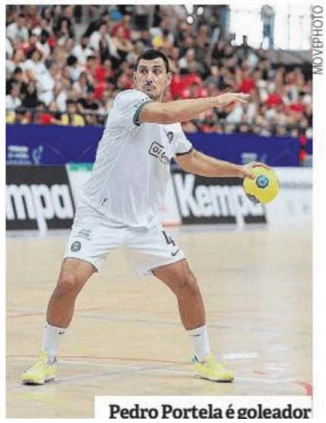


ANDEBOL

Pedro Portela no Sélestat e Davyes no Huesca

Os internacionais Pedro Portela e Wilson Davyes já treinam em novos clubes. O ponta direita rumou, aos 36 anos, ao Sélestat até final da época, após deixar o Águas Santas no Grupo A do Campeonato e nas meias-finais da Taça de Portugal. O clube francês, que já teve nas suas fileiras Tiago Pereira e Ruben Sousa, está em luta pela permanência na Lidl Starligue, pelo que reforçou a posição específica devido a lesões de Tony Mendy e Steven George. Christian Omeyer, presidente do Sélestat, elogiou a experiência de Portela no campeonato francês, no Tremblay (2018-2021) e Nantes (2021-2023): "Estamos muito satisfeitos, Pedro Portela é experiente e conhece bem o campeonato francês", sustentou o dirigente, em declarações ao site do Sélestat.

Já Wilson Davyes, de 37 anos, deixou os gregos do AEK para ingressar no Bada Huesca (14º da Liga Asobal de Espanha), também a querer fugir à despromoção e a debater-se com lesões. Davyes deixa o clube de Atenas, tal como Gilberto Duarte, que rumou ao FC Porto, e o treinador Rui Silva, agora técnico nos alemães do Oppenweiler/Backnang.



MOVEPHOTO

Pedro Portela é goleador

Trata-se de mais uma experiência do primeira linha, que também representou Sporting (2005-06), espanhóis do Covadonga (2006-08), FC Porto (2008-14), franceses do Nantes (2014-15), Rennes (2015-17), Dunkerque (2017-19) e Ivry (2019-22), e macedónios do Pelister (2022-24). A.R.

CISION

Record

Meio: Imprensa
País: Portugal
Área: 29,93cm²
Âmbito: Desporto e Veículos
Period.: Diária
Pág: 22

ID: 122110848 19-03-2026



MARÍTIMO

Guedes e Guzzo foram à escola

Alexandre Guedes e Raphael Guzzo visitaram a Escola Básica do Caniço, num momento de convívio e partilha com 150 alunos. Além da dupla do plantel principal, a comitiva do Marítimo contou com Rafael Pereira (sub-23), Martim Gonçalves (andebol sénior) e Alexandre Miranda (futsal), bem como o técnico da equipa sénior feminina de futebol, Luís Gabriel, e a médio Carolina Nunes. J.M.F.

"Em Portugal temos de começar a "coopetir" mais e não a competir entre modalidades"

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 19/03/2026

Meio: Sapo Online - Sportinforma Online

URL: https://pt.cision.com/s/?l=8b25e03

Selecionador de andebol defende mais "coopetição" entre modalidades desportivas

O selecionador de andebol português, Paulo Pereira, defendeu esta quarta-feira que as modalidades desportivas deveriam "coopetir" mais e competir menos, numa noite em que disse que a liderança dá muito trabalho, mas também precisa de intuição.

"Nós em Portugal temos de começar a "coopetir" mais e não a competir entre modalidades. Eu coopero contigo. Compito contigo, mas também coopero. As modalidades não têm de se andar a tentar matar umas às outras", defendeu Paulo Pereira.

O selecionador falava hoje em Tondela, no distrito de Viseu, e cidade onde a seleção está em estágio até sábado, depois de, na sexta-feira à noite, enfrentar a seleção da República Checa.

Paulo Pereira deu como exemplo a eventualidade de haver um miúdo alto, que gosta de futebol, mas nem sabe correr, de o treinador levá-lo a um treinador de basquetebol e ver se é um atleta em ascensão. "Ou vice-versa, em qualquer outra modalidade", disse.

"Quando é que começamos a fazer isto? Nunca. Porquê? Porque nos queremos matar uns aos outros. Uma modalidade quer aniquilar outra e não cooperar", considerou.

O mesmo acontece no desporto escolar, indicou. "As modalidades nas escolas são organizadas em função das competências dos professores que lá estão. Se são bons em voleibol, arranja-se um clube de voleibol", apontou.

Tudo isto, no seu entender, "porque tudo dá muito trabalho e é muito fácil ser-se comodista e até morar ao pé da escola, de preferência", mas "com trabalho e vontade, tudo pode mudar".

Da mesma forma que "há uns anos a atitude era outra" perante os jogadores, hoje, Paulo Pereira, olha para si "mais como um líder, com outra atitude, de que como alguém que chega e manda".

Perante uma plateia com mais de 50 pessoas, o selecionador apontou a "humildade, gratidão, perdão, respeito, maturidade, empatia, compreensão, confiança, trabalho e sentido de humor, sempre" como o plano de jogo da sua equipa.

Para Paulo Pereira, trabalhar uma equipa masculina "é também gerir egos" e é "preciso preparar muito bem o plano de trabalho com os jogadores, para potenciar, individualmente, cada um dos atletas e gerir os seus propósitos individuais, para que haja um sucesso coletivo".

"Às vezes, tenho de virar a mesa e perguntar o que é que estamos ali a fazer. Se não queremos ganhar. Outras, é preciso focar mais na solução, enquadrando o problema, mas com foco na solução. Trabalhamos muito para ter bons resultados e temos de pensar muito", assumiu.

No seu entender, "é preciso trabalhar muito e saber a tática" para alcançar os resultados desejados, "mas, às vezes, o mais importante é seguir a intuição, para falar com os jogadores da melhor forma e que se torne mais eficaz".

Da lista de atitudes a ter, de parte a parte, quer atletas, quer treinador ou selecionador, fazem parte também o "entusiasmo, amor, paixão, sentido crítico, autonomia, prazer e compromisso e não haver ninguém invisível" nos treinos e estágios.

"E nós treinadores, temos ainda que ter a capacidade de nos adaptarmos. O melhor treinador não é o mais forte, é o que melhor se consegue adaptar às diversas situações, porque isso traz resultados mais constantes", defendeu.

No final, Paulo Pereira dedicou mais de uma hora a responder às questões levantadas sobre os desafios de ser selecionador, treinador de um clube, e do andebol feminino, que, "infelizmente, praticamente não tem mulheres profissionais" em Portugal.
SAPO